

revista

# in transitiva

volume 2  
jul/2018

Λ FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Departamento de  
Anglo-germânicas

# Revista <sup>in</sup>transitiva

## Conselho Consultivo

André Cardoso (UFF)  
Laura Patricia Zuntini de Izarra (USP)  
Marlene Soares dos Santos (UFRJ)  
Paulo H. Britto (PUC-Rio)

## Conselho Editorial

Adriana Jordão (UERJ)  
Amanda Carraro (UFRJ)  
Angélica Castilho (CAP-UERJ)  
Daniel Malta (UFRJ)  
Danielle Galindo (UFPEL)  
Davi Bretas (UFRJ)  
David Francisco V. M. dos Santos (UFRJ)  
Diana Melo (UFRJ)  
Divanize Carbonieri (UFMT)  
Érica Schlude Wels (UFRJ)  
Fernanda Silva Dias de Aquino (UFRJ)  
Ieda Magri (UERJ)  
Leonardo Berenger (PUC-Rio)  
Luana Carolina da Silva (UFRJ)  
Luisa Geisler (Editora Alfabeta)  
Michela Rosa Di Candia (UFRJ)  
Rafael Mendes (UFRJ)  
Roberto Bezerra da Silva (UFRJ)  
Taís Bravo (UFRJ)  
Tarso do Amaral (UERJ)  
Thiago Lima (UFRJ)  
Verônica Leal (UFRJ)  
Victor Schlude (UFRJ)  
Viviane Moraes (UFRJ)  
Willian Machado (UFRJ)

## Pareceristas

Alana Dysarsz (USP)  
Aline Esteves (UFRJ)  
Álvaro Alfredo Bragança Junior (UFRJ)

Ana Clara Waltz Brum (UFRJ)  
Beatriz Protti Christino (UFRJ)  
Daniel Veneri (UFRJ)  
Débora Souza da Rosa (UFRJ)  
Esther Borges (UFRJ)  
Gabriel Chagas (UFRJ)  
Gabriela Luna (UFRJ)  
Igor Gadioli (UFS)  
Janine Pimentel (UFRJ)  
Leonardo Mendes (UERJ)  
Maria Aparecida Ribeiro (UNIRIO)  
Maria Lucia Guimarães de Faria (UFRJ)  
Mariana Farias (UFRJ)  
Sílvia Brandão (UFRJ)  
Simone Ruthner (UFRJ)  
Wallace Carvalho (UFRJ)  
Wellington Aires (Fatec Campinas)  
Wisley Vilela (UFRJ)

## Ilustrações

David Francisco V. M. dos Santos (UFRJ)

## Diagramação

Luana Carolina da Silva (UFRJ)

## Logo

Helena Gomes Freire (UFRJ)  
Luana Carolina da Silva (UFRJ)

## Revisão

Alex Jefferson da Silva (UFRJ)  
Caio Mieirol Mendonça (UFRJ)  
Carolina Custódio (UFRJ)  
David Cidade (UFRJ)

## Web Design e Suporte Técnico

Rafael Laplace (UFRJ)

Segundo Volume, edição *Amor*

# Autores e Textos

## Editorial

1. *Galateia* – Nayara Cristina Barbosa Batista
2. *A mensagem* – Marcus Vinicius Peres Merelli
3. *Ressentimento* – Rosana Arruda de Souza
4. *Diante das coisas que não têm nome* – Luiz Henrique Moreira Soares
5. *Braços suspensos, abraço incompleto* – Tatiane França
6. *As luzes se apagam mais uma vez* – Luizza Milczanowski
7. *A Tua Partida* – Ana Catarina Menezes Martins de Oliveira
8. *Desencontro (ou O eco adormecido de um diálogo passado)* – Luiza Campo
9. *Magnetismo* – Cristine Fickelscherer Mattos
10. *Amor pluriúsculo no tribunal ôntico* – Eider Madeiros
11. *Das cartas de amor* – Rondnelly Nunes de Assis
12. *O Pêndulo* – Andreza Ferreira Silva
13. *Verbete em quinze versos sobre o amor* – Isis Ribeiro Berger
14. *Vacina* – Gabriela Fernandes de Carvalho
15. *Chega* – Airton Santos de Souza Junior
16. *Carnaval* – Kathellen Timoteo Matos

# Amor como potência de vida: travessias pela escrita

O amor e a humanidade possuem histórias que se entrecruzam desde o início dos tempos. Tema das mais profundas tragédias, comédias e dramas existenciais, o amor parece se repetir em variadas épocas e nações como tópico central da vida. Trata-se da falta dos pais e dos propósitos, ou das completudes transcendentais que elevam os corpos e almas. O amor constitui vivências e narrativas que explicam a vida, os desejos e a morte. É força fundante dos seres e das coisas, e por isso assume diferentes faces e formas.

Na contemporaneidade, há se discutido a falência do amor romântico, seja pela abertura de outras possibilidades de afeto, seja pela famosa liquidez que a superficialidade pós-moderna parece promover. Quaisquer que sejam as verdades que escolhermos encarar, a mensagem é clara: a noção de amor nunca poderá ser única. Instinto, sentimento, truque, bênção, tortura, construção: o amor se molda e se reatualiza entre as coisas e os seres, o que só reforça seu elo essencial com a nossa existência. Mais do que sofrimento ou alegria, o amor é força motriz de tudo que pode ser consequência do desejo ou falta dele. São todas as pedras que guiam para qualquer caminho que possamos encarar.

A segunda edição da Revista intransitiva convida seus leitores a amarem. Nosso convite, contudo, não tem como intenção elicitare nenhuma trajetória clássica ou já determinada dos grandes nomes e narrativas da humanidade. Amor, aqui, é vida. No decorrer das próximas páginas, esperamos que vocês possam fruir dessas experiências de dores, sutilezas, ausências e isolamentos. Juntem-se aos nossos personagens, autores e outros sujeitos sem nome numa busca que esbarra em mães, horas, memórias, vontades, encontros e alívios. Uma busca por amor que é necessariamente cíclica e ininterrupta, justamente porque é uma busca pela linguagem. A escrita desenha o amor ao longo de histórias e versos que costuram ideias de afeto nas diversas vidas que atravessam esses textos. Esse é o amor que oferecemos em nosso convite. Esperamos que alguma parte dele possa trazer sentido para as buscas de vocês. E que assim o amor preencha a existência.

Boa leitura!

Victor Schlude

*Em nome do Corpo Editorial da Revista intransitiva*

# Galateia

*Galateia* – Nayara Cristina Barbosa Batista

**Biografia da autora:** Vinculada à Universidade Estadual Paulista (Unesp).

**Resumo do texto:** O extremo da objetificação feminina sob a ótica daquela que sofre. Qual seria o ponto de vista da moça que um dia foi estátua e, por isso, considerada a mulher mais perfeita?

Do refinado marfim meu corpo descoberto

Formas nuas

Perfeitas decerto

Comparáveis à deusa do amor

Fardo repleto de dissabor.

Despertei de um sono profundo

Deparei-me com ancião monarca

Cujas barbas platinadas me roçavam

Tive asco ao saber como meu pai me amava.

Fui criada aos moldes de perfeição dos homens

Esculpida por um, não sou dona de mim

E disseram: conforme-se.

Os deuses quiseram assim.

Resolveram não consultar

A filha ultrajada

Pelo pai amada e cobiçada

Sem vontade ou desejo

Uma vez que sou dele

Contra a vontade casada, forçada... despedaçada.

# A mensagem

*A mensagem* – Marcus Vinicius Peres Merelli

**Biografia do autor:** Apaixonado pelo Rio, Marcus Merelli escreve contos amadores tendo como cenário sua cidade, observando os pequenos conflitos internos e externos de personagens comuns, com leves dramas típicos da transição entre a adolescência e a vida adulta. O autor de 22 anos é aluno do curso de Letras Inglês/Literaturas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

**Resumo do texto:** A partir da observação da tela de um aparelho celular, alguém propõe uma íntima reflexão sobre o sentir, o pensar e o dizer.

Se soubesse que, em algum nível, todas as pessoas também ponderavam sobre seus dizeres, talvez tudo fosse mais fácil.

Objeto de estudo da psicolinguística, e raiz de eterno debate, a relação de dependência entre linguagem e pensamento se tornava a cada instante mais latente em sua pequena cabeça. Por que simplesmente não conseguia falar? Bem, as palavras eram claras. Tinha tudo perfeitamente elaborado em sua mente. Sempre teve, desde a primeira vez em que pensou sobre isso. O corpo também não lhe impedia o feito: todos os músculos da face tinham memorizados os relaxamentos e as contrações necessárias; as cordas vocais vibravam a cada vogal ou consoante vozeada, toda vez que o ar passava por elas e se assim fosse sua intenção; os fonemas não eram estranhos à musculatura, cada “A” e cada “B” tinha sua execução previamente ensaiada de outros discursos; o encadeamento dos fonemas também nunca lhe fora um problema, desde que aprendera a falar; a sintaxe era tão simples quanto um predicador transitivo direto pode exigir. Mas as palavras nunca saíram.

Teria sido, então, sua mente. Sua mente teria bloqueado qualquer possibilidade de transformar aquele pedaço de pensamento em uma unidade simples de linguagem chamada enunciado. Olhava a tela do celular e se perguntava se era mesmo uma questão de pensamento ou de sentimento. E as técnicas de nada serviam, a não ser de uma justa procrastinação. Quando pensava se aquilo era pensar ou sentir, sabia que pouca diferença fazia, mas a ponderação lhe tomava tempo. Ganhava tempo. Pelo menos, não teria que dizer as palavras agora. Sempre buscou a procrastinação e o não dizer. Sempre evitou ter que dizer. Isso não significa que nunca tenha repensado ou até mesmo se arrependido de ter deixado uma oportunidade para trás. É claro que se arrependeu.

A tela do celular indicava o dia vinte. O dia vinte marcava poucos anos e alguns meses do dia em que achou que deveria ter falado pela primeira vez. Em outro dia vinte qualquer, sentiu o toque da mão em sua mão. E o toque era elétrico. As pontas dos dedos deixavam digitais em sua palma ao deslizar suave em retirada. E cada linha sinuosa da fina camada de pele na ponta do dedo parecia adequar-se às linhas da palma da mão. E as pontas dos dedos já nem eram tão macias. Mas não falou então. E quando os dedos finalmente perdiam contato com a mão, tudo o que sobrava era eletricidade. A ausência do toque deixava uma sensação fantasmagórica. A mão ainda estava ali, ou o que restou dela. O sentimento de proximidade, de pertencimento, de que de repente o mundo todo parecia estar girando na direção certa, tudo ficou. Apesar de não sentir mais os dedos ali, as impressões continuaram. Em partes, nunca saíram, assim como as palavras nunca foram ditas.

Ouvidas, sim.

Uma vez, muitas vezes. Mas a primeira foi entre o toque e o sorriso. O primeiro ecoava ainda em sua mão, segundos depois; o segundo foi de fato retribuído. Já as palavras, nunca foram ditas. Sabia que devia ter falado quando, da terceira vez, viu o sorriso levemente decair por um instante e logo em seguida, ser retomado. Abruptamente. Felicidade. Decepção. Entendimento. A retomada quase forçada do sorriso acompanhava uma promessa silenciosa de que tudo estava bem. De que não precisava ser melhor, ou fazer melhor, ou se provar melhor. Acima de tudo, uma promessa de que palavras eram só palavras e não precisavam ser ditas.

Encarando a tela de mensagens agora vazia, pensava se não precisavam mesmo ter sido ditas. Meses depois do toque, e mesmo depois do sorriso frágil, nenhuma palavra havia sido dita. Fazia caso demais de umas palavras. O que elas eram? Preferia retribuir todos os sorrisos, os toques, os beijos tão elétricos quanto os toques. E o calor. O calor sempre esteve ali. Emanava pelos sorrisos, viajava de olhos a olhos, pairava nas mãos dadas a passeio pelo parque, aqueciam o sangue nos lábios, exigiam suspiros profundos para que este pudesse ser oxigenado e bombeado novamente concretizando seu ciclo. E o calor lhes envolvia nos dias na praia ou até mesmo nas noites cariocas.

Nos últimos momentos, acreditou que as palavras sempre estiveram ali. No próprio calor. Nas flores. Em todas as outras palavras que não as certas. Sim, de fato, foram felizes. Nunca lhes faltou nada, até mesmo porque as palavras sempre estiveram em algum lugar entre os olhares cruzados. Quando acabou, porém, o ar sobre o qual as palavras pairavam teve de ser engolido a seco e as palavras ficaram presas na garganta.

Hoje, o ar não passa da mesma forma. As cordas vocais nem sequer sabem com que ar vibram, se todo o ar entre os pulmões e a boca se encontra constringido por palavras. As lágrimas, sim, conseguem rolar livremente pelas maçãs do rosto, mas não há ar que lhe saia da garganta sem encontrar o infeliz soluço do choro. Sem encontrar os morfemas embaralhados. A desinência número pessoal podia ser clara, mas como expirar se um aglomerado de possibilidades para a desinência modo temporal lhe entupia todo o aparelho fonoarticulatório? Os pretéritos perfeitos e imperfeitos posam a ironia de que o perfeito é sempre o terminado, mas imperfeito é sempre como acaba. E como alguém pode falar sobre futuros se os presentes dos subjuntivos nunca estão em harmonia? Todos os verbos se mergulhavam num mar de pretéritos imperfeitos do subjuntivo e futuros do pretérito. Se fizesse, aconteceria. Se quisesse, poderia. Se tivesse dito. Se tivesse dito. O único presente do indicativo possível é: não sabe.

Mas tudo acabara e hoje é só pretérito mais-que-perfeito.

Não precisava das palavras agora, já que nunca precisou antes. Nunca as disse porque na verdade nunca soube se eram verdade. Nunca soube porque saber pertence ao pensamento e como é que se pode saber sobre um sentimento, então? Mas hoje, quando nada fazia diferença, deixou uma mensagem com as palavras que nunca disse quando ainda era tempo. Mas sem ressentimentos, sem medo de errar desta vez, da forma mais honesta e com a maior certeza que já teve, disse:

Eu te amei.

# Ressentimento

*Ressentimento* – Rosana Arruda de Souza

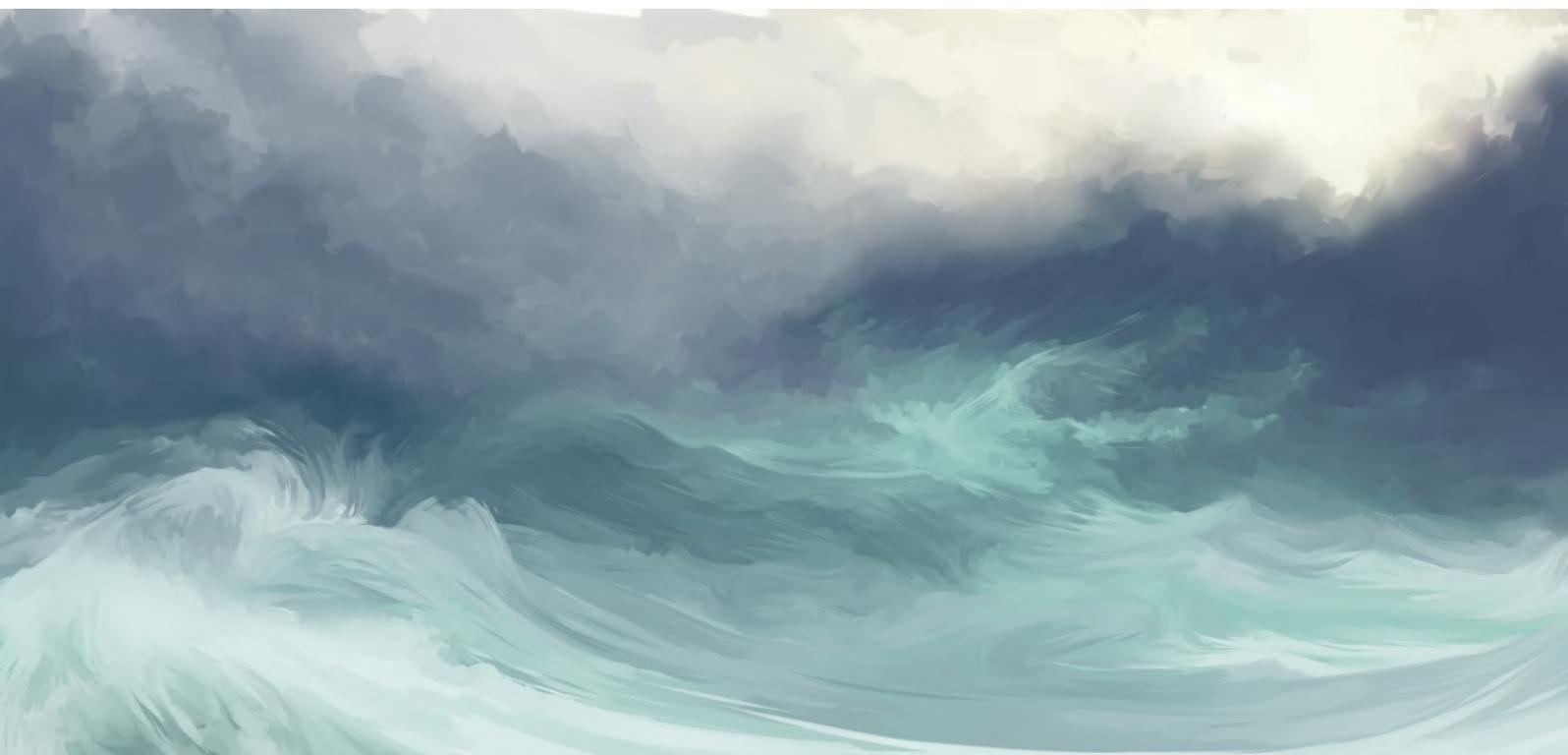
**Biografia da autora:** Doutoranda em estudos literários no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem - UFMT. Bolsista CAPES/BRASIL.

**Resumo do texto:** Poema com germe narrativo, com a história de saída e retorno do filho à casa paterna.

Saiu de casa aos dezoito anos de idade  
Não havia emprego para ele naquela cidade  
Foi caçar pedra preciosa  
Tornar a vida mais valorosa  
Foi descobrir o mundo  
Mas carregava algo de iracundo:  
Ressentimento,  
Lamento  
Pela falta de despedida do pai  
É a vida que cai  
Na sina de quem tem que partir e seguir seu rumo  
Por que o pai não teve o prumo  
De despedir-se do filho?  
Ele olhou o filho no olho  
Mas era homem rigoroso  
Optou pelo silêncio  
Estava feito o prenúncio?  
Adiante, haveria nova ausência de despedida  
A palavra “adeus” perdida  
No silêncio de quem chega  
No vilarejo de Guiratinga  
Antes de tudo, porém,  
A ascensão do filho que partiu  
Ele descobriu o mundo  
E o mundo o descobriu  
Lutou muito, desesperado  
Foi humilhado, foi exaltado  
Seguiu o exemplo do pai  
É a vida que cai

Na identidade de personalidades  
São polaridades  
Pai e filho, reflexo um do outro  
O filho decidiu viver de atender ao outro  
Pois tinha jeito para lidar com gente  
Trabalha todo dia contente  
Embora a vida não lhe tenha dado motivos  
[para ser feliz entre a gente  
Tanta gente na lida de comerciante  
O garimpeiro virou dono de si  
Dono de si  
Mas o passado bate à porta  
O reencontro a toda monta  
Pediram que voltasse  
Depois de anos e anos de ausência e entrelace  
De pai e filho  
Ele não olhou o filho no olho  
Pois não havia mais tempo  
Novamente, a despedida incompleta  
Já havia ido à vida eterna  
Olhar o filho lá de cima  
Pois era homem rigoroso  
E não gostava de despedidas.

# Diante das coisas que não têm nome



*Diante das coisas que não têm nome* – Luiz Henrique  
Moreira Soares

**Biografia do autor:** Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IBILCE/UNESP) - Campus de São José do Rio Preto. Possui textos publicados em diversas revistas literárias.

**Resumo do texto:** O que seria do amor se não fosse o silêncio?

*Para a pequena e grande Maria*

O que guardam os olhos de uma mãe?

Quando atravessou a porta de casa, minha mãe já era outra coisa. Era outra coisa porque carregava algo que eu não sabia bem o que era. Carregava esse algo novo nos braços, como peso de si mesma. E o seu atravessamento do mundo externo até adentrar o interior de nossa casa constitui-se de um todo performático e solitário. Quando ela chegou do hospital e atravessou a porta de casa, nossos olhares minúsculos e curiosos percorreram seu corpo em busca de respostas. Que repostas poderiam haver nos corpos das mães? Olhares fotográficos, limitados, fronteiros. E esse ser mãe é sempre um pouco de alguma coisa que a gente não conhece; porque mãe é coisa humana, também carne viva. Não havia resposta pronta, como nunca há pergunta pronta. Quando minha mãe atravessou a porta de casa, agarrada com esse algo novo nos braços, alguma coisa se abriu para mim: o céu. Nuvens negras, carregadas de água, alguma redenção.

Quando minha mãe atravessou a porta de casa, ela também me atravessou. Atravessou minha pele, carne e órgãos. Passou por mim como lâmina, serrando levemente as minhas certezas. Caminhou em direção ao quarto. Não disse palavra alguma. Continuei sentado ao lado da porta de entrada, na cena inicial, tentando buscar resposta àquilo que é difícil entender. E havia o céu negro. Quando minha mãe atravessou a porta de casa, pude ver o céu negro no fundo de sua imagem. A chuva não tardaria. Mães e céu, coisas difíceis de entender. Não tardaria também a nossa troca de palavras. É dessa forma que encaramos as coisas que não têm nome? No silêncio?

Meus olhos fotográficos perseguem minha mãe e vejo quando ela entra no quarto. Viro-me para fora de casa, no externo, no céu. À espera de algo que sempre nos desloca, a chuva: dentes, guerra, casas, morros, carvão, fúria, semente, tempo ruim, tempo quente. E por isso eu sabia que havia uma coisa diferente em minha mãe. A chuva parecia denunciar as mudanças. Porque havia uma delicadeza que tomava parte do meu corpo modelar, protótipo, estendido na cadeira. A minha espera sobre as respostas, sobre o que há nos olhos de minha mãe. Era essa delicadeza que me mostrava de onde eu vim, como um rompimento umbilical que me ligava à minha antiga condição, à minha mudança na ordem das palavras, dos meus gestos, dos meus sons e dos meus silêncios; à preparação do olfato para o encontro de novos perfumes e odores... Ou à percepção de que aquele algo novo que minha mãe carregava, na verdade, não era algo, mas alguém. Era uma pessoa. E uma pessoa sem nome. Uma pessoa sem nome que me atravessa com toda a sua força e que não me deixava levantar da cadeira. Meu corpo estava colado no móvel, não conseguia mexer sequer um músculo.

Então a água que sai dos meus olhos embaça minha visão. Lá fora, as nuvens carregadas desaguavam todo seu peso sobre a terra. Como um batizado. Um novo batizado. Choveu e eu senti o cheiro da agressividade da água tocando a terra, tocando meu corpo. Choveu em mim algo maior do que chuva, água, gozo ou alegria: toda a história da minha família em meus olhos, a história que se escreve agora. A história que foi e a que está começando agora. Já somos outra coisa, nada parecida com o que éramos ontem. Esse alguém novo que minha mãe trouxe nos braços, atravessando a porta de casa, é essa coisa que nos mutila, que nos divide em outras tantas coisas possíveis.

É por isso que, percebendo aquela nova pessoa, criada e inventada entre as paredes

transcendentais do útero de minha mãe, senti algo que todos chamariam, conscientemente, de amor. Um amor que também nasce sem nome, como essa menina sem nome que acabara de chegar do hospital, que atravessara a porta de casa, e que me colocara de frente com a sua existência.

Essa menina presente no mundo. E é o mundo quem sempre nos joga diante das coisas que não têm nome – aquela certeza de que estamos, também e constantemente, perdendo alguma coisa. Estou eu aqui, então, consciente da minha perda. Sei que a coragem do desprendimento me falta, sei que já não sou mais aquilo que minha mãe carregou um dia, e nem é mais provável que minha mãe me abrace com a mesma ternura e cuidado latentes, como em tempos atrás. Mas é este o trabalho do amor: encarar o desprendimento, perceber o crescimento da nossa escuridão e da nossa luz, aceitar o nosso fim – amor próprio. Quando eu estiver nos meus 50 anos, a menina sem nome estará vivendo o que eu sou agora, nos meus 25 anos. Sim, há milhares de outras coisas também sem nome por detrás do silêncio das mães, nos braços e nos olhos das mães. E também dentro da gente. E é isso que sai de mim, agora, sem nem mesmo conseguir me mover da cadeira, extasiado pela cena inicial.

Agora a chuva é branda. A chuva que também é sinal de que outras coisas vão brotar, de que outras coisas estão plantadas. Refiz o caminho de minha mãe e agora meus olhos estão na porta do quarto. Ela me olha. Seus olhos úmidos se encontram com os meus. E sorri com um sorriso que carrega o sangue de todos os anos. Vou me lembrar disso, do sorriso dela. Lembrarei do retrato emoldurado dessa minha lembrança, a lembrança do dia em que nos vimos tão parte um do outro, tão corpo, tão sangue, tão coisa sem nome. Mas, afinal, o que guardam os olhos de uma mãe? O que eles trazem, senão uma franca e silenciosa ideia de amor? Há tantas coisas que eu não saberia dizer...

Minha irmã vai crescer, cair do colo da mãe e brotar no mundo. Vai virar gente. Como uma metáfora do nascimento. Como uma aceitação de que o tempo nos corrói, sim. Mas esse tempo é também o que nos dá a chance de atravessarmos o corredor espinhoso da vida de mãos dadas. Pequena grande obra. A menina sem nome é mais alguém que me pega pelas mãos e que vai caminhar comigo até o meu ponto de chegada. Para ela, só uma vírgula. O amor como um conjunto desordenado de pontos e vírgulas...

# Braços suspensos, abraço incompleto



*Braços suspensos, abraço incompleto* – Tatiane França

**Biografia da autora:** Recém-formada (2017.2) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é licenciada na área de Letras Português-Francês, tendo sido pesquisadora PIBIC na área de Estudos Teatrais, com recorte no teatro belga do século XIX, de 2015 a 2017. Participação em Colóquios e Jornadas durante a graduação, cujo percurso foi sempre atravessado, e talvez ressignificado, pela escrita.

**Resumo do texto:** Em todo o sentimento que se pode carregar em versos, nesses são encarnados a falta e a espera de alguém que ama. Entre a vontade do encontro e o encontro propriamente dito, existe essa densa suspensão do amar e do querer, ansiosa, impaciente e que clama em seu desejo. O poema - ou o pedido, ou ainda um amor em versos - é o passo em direção ao outro, a espera sôfrega e implorante que, contudo, sorri - de braços abertos.

teme que as imagens somem querendo dizer sumam  
mas quero dizer somam  
no acerto do verbo não temido

de jeito que  
te digo pra vir.

no toque  
na fala  
na palavra não dita  
e na aspirada  
te digo pra vir assim num sopro de palavra-corpo perdendo fôlego no lançamento puro

porque espero

espero

espero

espero

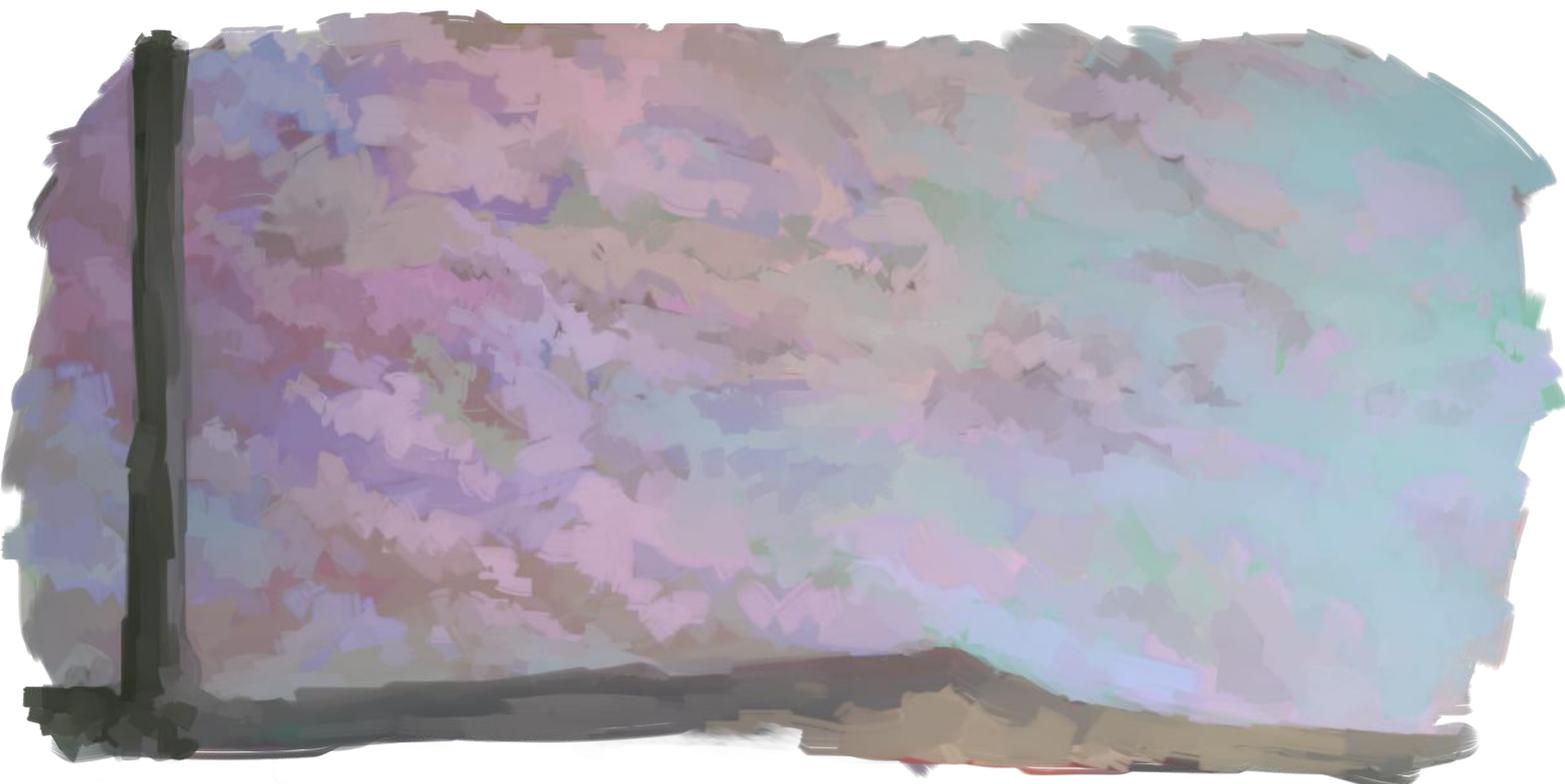
espero

sinto

sonho

toco

vibro



porque sou lágrima que percorre um corpo de saudade  
que não existe em totalidade enquanto espera  
enquanto aguarda ser uno em dois

te digo pra vir  
porque há beleza no acordo  
de sentimentos que se olham  
e se veem  
se enxergam num reflexo perdido  
de uma identificação singular  
te digo pra vir  
porque há melodia no dito  
e música na palavra guardada  
porque há sonho vivo  
enraizado em vigília

te convido a dançar  
no que se alcança  
e no que ainda não se vê  
e  
te digo pra vir  
por saber que é bom dançarino  
pra que chamemos à roda  
um o sensível do outro

te digo pra vir por mim  
por você  
pelo certo

pelo dúbio  
e pelo que pode ser nós  
em criação -  
em corpo -  
em vida:

em poesia.

# As luzes se apagam mais uma vez

*As luzes se apagam mais uma vez* – Luizza Milczanowski

**Biografia da autora:** Estudante da UFRJ.

**Resumo do texto:** Eles dialogam na madrugada enquanto observam as luzes dos prédios que se apagam.

Eu tenho é medo da noite que me impede o sono. A noite que não me deixa dormir pelas angústias erradas. Eu olho para você por um momento. A noite é alta como são altos os prédios de luzes que se apagam, uma a uma. A madrugada me deixa confusa, quero te dizer, porque não sei o que é hoje ou amanhã. E há nela uma liberdade que me permite ser o que não se pretende no céu claro, e tenho um medo do medo futuro, porque agora eu seria capaz de te dizer o que não direi daqui a algumas horas. O que escrevo são como meus pensamentos, só que piores. Agora eu seria capaz de dizer quase como que escrevo. Digo, assim, numa liberdade de estar. Mas vê como é perigosa.

A madrugada, indaga.

Não, respondo, a chegada da manhã. Estou perdida em meus pensamentos e é confusão que vai gradativamente piorando na escrita e em você. Tenho receio de estar aqui com você, com esse amor que se estende entre nós, e que, entretanto, é só meu.

Mas você não dorme.

É um não dormir constante.

Meu sofrimento, continuo, não deveria te fazer sofrer.

Pausa.

Não sei com quem falo. Às vezes, falando com você, não sei mais com quem estou falando. Fico confusa. Outra luz se apaga. Vê, digo, outra luz se apaga.

O que há tanto nas luzes. O que há tanto em seus olhos de menina. Deixa-me ver. Olhos bem escuros, sardas, olheiras. Mas tudo muito pequeno. Suas mãos e seus lábios. O que há na luz, na madrugada e em seus olhos

Há medo de que apaguem.

Acho, minha menina, que você tem medo do fim dessa infância que não existe mais. Você é uma criança numa infância apagada. A criança da infância apagada. Finda. Uma infância que talvez jamais tenha sido.

Mais uma luz se apaga. 02h12min.

Por vezes, há o medo atroz da não consciência. Os olhos vão se cerrando, a mente pisca, como uma lâmpada prestes a queimar, e o pânico não permite que o sono chegue. A insônia é minha amiga mais fiel nesses dias vazios. Vazios. Quais não o são? Só há solidão quando observo você.

Volto a falar.

Talvez, sim, você tenha – não razão, mas – verdade. A razão só tem espaço no céu claro. Dentro de mim, ainda sou muito pequena, mas foi sempre pequena que enfrentei o mundo. Também que estive no mundo. Não soube estar de outro modo, e me sinto ainda muito diminuta. Hoje, vi pequenas veias em minha perna e me perguntei se um dia suportarei ser adulta. Um dia me exigirão ser gente grande.

E o que você fará, pergunta.

Silêncio por um momento.

Deixo que esse silêncio se imponha por um instante, que ele exista. Deixo que só se ouça esse silêncio da madrugada, próprio, próprio dela. Em outro espaço-vida, alguém levanta para ir ao banheiro. Barulho de descarga.

Ainda não conheço a resposta, digo. É muito difícil agora dizer. Sempre acreditei que fosse nada. Eu sou um espírito livre sem rótulos, sem idade, eu dizia. Mas não tenho mais certezas. Talvez seja uma pessoa cansada. Uma escritora que não escreve. Uma menina-criança que chora e grita e se enche de silêncio. Somos muito e muito pouco. E toda essa vida e esse cotidiano e esse vai, abre código, fecha geladeira, faz conta, paga o ônibus, compra saia. Vê. Gosto de ter livros, de ter pensamentos e também de muitas vezes não tê-los. Gosto da minha caneta e de sentar no gramado. Tenho muitos defeitos e não me livraria deles. Ouço música e leio versos, que fazem meu coração se encher de uma ternura que só me proporciona a arte. Meus olhos se enchem de lágrimas, que transbordam em meu papel. Eu gosto de cheiros e de cores. Eu gosto de amar, e aceito o sofrimento também com amor. Eu gosto de correr. Eu não gosto de sujar meus pés. Eu vejo essas luzes que se apagam. E agora mais uma acaba de se apagar. Eu sofro. Sempre. Por tudo, por todos. Abraço e beijo meus livros. Me sujo. De tinta, de lama, de saliva. E quando escrevo são pedaços meus que escarno.

E você escreve sobre mim, pergunta.

Até quando escrevo sobre você, falo sobre mim. Só sei doar pedaços meus. O que escrevo sobre você não existe. Existe o que eu criei de você. Por vezes, quando escrevo, não sei que pedaço seu está dentro de mim ou o que você é. É o mundo Como expressar com palavras um mundo repleto de palavras e tão vazio Mas ele está todo dentro de mim.

E dói, pergunta.

Dói. Não poderia não doer. Dói uma dor minha. E eu preciso dela. Escreveria com, por e apesar de qualquer dor. É a dor que me faz escrever. Sem a dor, não há nada. Sem a escrita, eu não poderia ser. Não sei estar no mundo sem a escrita. Menos do que sem ser pequena. Sou escrita.

Você pode ser uma escritora pequena. Você sorri.

Sou aquela que escreve. É melhor do que “escritora”. Sou aquela que escreve.

Hoje não sinto ódio brando de você. Hoje só quero ficar sentada.

Vendo as luzes?

É de te amar tanto que me vem esse ódio.

Sim, as luzes que se apagam.

# A Tua Partida



*A Tua Partida* – Ana Catarina Menezes Martins de Oliveira

**Biografia da autora:** Licenciada em Letras - Inglês pela Universidade Tiradentes, estudante de Secretariado Executivo pela Universidade Federal de Sergipe na área de Ciências Sociais Aplicadas, e autora da página “Naufrágio em Alto Amar” nas redes sociais Facebook e Instagram.

**Resumo do texto:** O que meu corpo sente na angústia de não saber se os ventos me guiarão até você novamente?

Como dói ver-te ir  
Caminhando na floresta da vida  
Sempre em busca de algo novo,  
Buscando conhecer o desconhecido  
Quando o meu humilde desejo era  
que  
conhecesses o meu corpo.

Em cada curva sinuosa do conhecimento  
Aprendestes o que nunca vi.  
Os anos deixam cicatrizes mesmo  
Que indiquem diferenças de 5 ou 11  
Tempestades vividas, estações sentidas.  
Como o canto do beija-flor doce e gentil,  
O amor que nunca te dei  
Continuará sendo minha arma mais sutil.

Admirar-te, amar-te, Vênus, Júpiter  
Segredos  
Guardados a mil chaves, não somente 7  
Falho no quesito esconder.  
Paixão, carinho, urso, chocolate  
Qual seria o sabor do teu beijo  
Já que és tão bom em esquecer?  
Talvez não nos agrade  
Isso  
de se apaixonar e não poder viver.

# Desencontro (ou O eco adormecido de um diálogo passado)

*Desencontro (ou O eco adormecido de um diálogo passado) – Luiza Campo*

**Biografia da autora:** Luiza tem 24 anos, é estudante de Letras da UFRJ, gosta de escrever microcontos, mas é incapaz de escrever uma breve biografia satisfatória sobre si mesma.

**Resumo do texto:** Um microconto sobre o amor na sua forma mais cruel: aquele que é vivido pela metade.

Fizemos nossos votos ao mesmo tempo. Soou qualquer coisa como:

— Às vezes eu só queria desapareceu te amo.

Ao mesmo tempo nos chocamos. Não havia o que consertar ali, era a tal da palavra final.

Quando se está num relacionamento e alguém dá a palavra final, sabemos a quem culpar. Mas, se os dois se pronunciam ao mesmo tempo, sem nenhum pesar, como num passo de dança em que todos acordaram que fosse mal ensaiado, só nos resta a dúvida. Ironia maior foi quando, após o incidente, juntos, manifestamos em mesma palavra e tom:

— Você o quê?

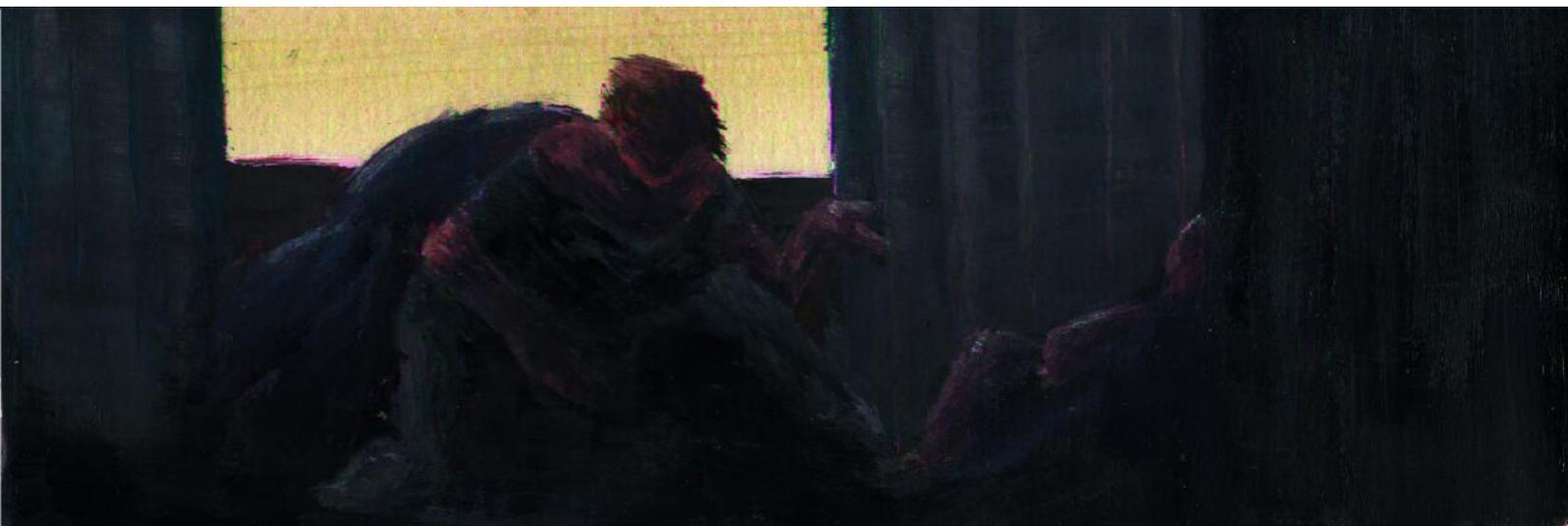
Calamos outra vez. É sabido que no princípio era o verbo, e que o verbo era Deus, então o silêncio constrangido havia de ser o Diabo. Depois, as bocas abrindo e fechando, nada de som, como os ecos esquecidos de cavernas que há tempos não eram visitadas. Tudo isso deu lugar às mais diversas vibrações da Raiva.

— Eu tenho vontade de desapareceu disse que te amo.

Silêncio. Droga! De repente, ficou tudo muito claro. Por mais que houvesse verbo, jamais houvera diálogo. A conclusão doeu menos do que eu imaginava. Poderia ficar ali por anos a fio, sem sequer me mover, apenas sentindo o arrepio que os efeitos desse desencontro me dava, porque era ele que me paralisava.

— Você o quê?

Dessa vez, apenas uma voz duplicada. Ouvi primeiro a que escapou de mim. Já tinha até pensado na resposta, sequer reparei que a falta de diálogo já era coisa de longa data. Em seguida, ouvi a reprodução fiel dessa mesma voz em dúvida, rancorosa, entre lágrimas, entrecortada. Eu tinha razão, estava tudo muito claro. Tão claro que cegava. Não foi a tempo que pensei numa resposta. De tão cega que estava, não pude perceber que a própria falta de diálogo – há muito tempo – em seu próprio ciclo se encerrara.



# Magnetismo

*Magnetismo* – Cristine Fickelscherer Mattos

**Biografia da autora:** Doutora e mestre em Letras pela Universidade de São Paulo, é professora do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (graduação e pós-graduação) e membro dos grupos de pesquisa do CNPq: Intermídia: estudos sobre intermedialidade (UFMG) e Comunicação, Tecnologia e Cognição (UPM). Organizou e publicou pela editora mexicana Fondo de Cultura Económica em 2006 antologia de textos de Tomás Eloy Martínez intitulada *La otra realidad*. E-mail: [cristine.mattos@mackenzie.br](mailto:cristine.mattos@mackenzie.br).

**Resumo do texto:** Para falar dos invisíveis laços do amor, um poema em uma de suas mais intrínsecas formas: o soneto.

Em meio a tanta alma  
que vaga em salas cheias  
e lança olhar de teias,  
me vejo envolta em calma.

E aquilo que me envolve,  
descubro deslumbrada,  
arrastão que me demove,  
sem fios e sem nada,

é qual ímã bem potente.  
Magnética quietude  
que me ata qual corrente.

De onde vem a plenitude?  
Sigo o fluxo, suspiro e paro:  
são teus olhos que me encaram.



“Nova Medicina” (lápis sobre papel, 2013), Maple

[https://maplelinetracer.wordpress.com/2016/12/28/2013\\_collection/](https://maplelinetracer.wordpress.com/2016/12/28/2013_collection/)

<http://pt.gravatar.com/maplecreations>

# Amor pluriúsculo no tribunal ôntico

*Amor pluriúsculo no tribunal ôntico* – Eider Madeiros

**Biografia do autor:** Mestrando em Letras, área de Literatura, sob a linha de Poéticas da Subjetividade, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Desenvolve estudos seminais em áreas interdisciplinares e é entusiasta das artes e da criatividade.

**Resumo do texto:** Como se daria a divagação sobre o amor a partir da coisa? Coisa enquanto exterioridade que lhe aflige por si mesma se distanciar e se privar daquilo que lhe aflige? E quando o que aflige é já o sintoma de amor? Este trabalho se orienta a partir destas reflexões para contar de maneira breve como um olhar diante do amor corre riscos de se pulverizar em ambivalências.

Que é isto? Perguntou exasperada a coisa a si mesma, sem reconhecer suas entranhas infectadas por um espírito que já a constituía, que já tomava de assalto seus sentidos de não-sentir até então sentidos apenas no que não se sente. A inanimada ao menos assentiu partir ao monólogo, desanimada por desconhecer aquela intrusa anima, aquele dito amor..

O amor deve ser vírus. Patógeno. Invasão que engana anticorpos em sua proliferação atraente, travestida em um capsídeo irresistível. Envelopa a natureza de tudo em sua perpetuação objetiva e voraz. Sai lambendo e causando arrepios.

O amor deve ser conforto ontológico. Ou Deus. Ou o Outro. Ou ser o Deus do Outro. Por nossa limitação temporal como seres humanos, temer a solidão é estimado. Daí, vive-se compartilhadamente com este Outro que sempre esteve ali, mas que não percebemos até que seja o ideal, enquanto a vida é viva. E quando deixar de ser viva, que o Deus, também Outro, nos prometa vida eterna e mais “amor” em seus teologúmenos.

O amor deve ser buraco negro, em roteiro edípico. No lugar de um falo, de um seio, de um objetinho-inho  $\alpha$ , de uma falta presente negativa, inúmeros vazios ausentes positivos. Vazios antimatéria, buracos de minhoca, metafísica morta que se autoconsome desde o primevo berro seguido de acalanto. Deve ser, por justaposição, querer encontrar em outrem aquilo que em mim falta. Ora, reflexo do empuxo do todo universal em nossas partículas big-banguianas. Entre o Superaglomerado Hidra-Centauro e o furo sugado donde brota a primeira gota de leite, deve ser criar ou alucinar expectativas diante de uma projeção, de ter e dar a seiva de um seio materno, de ter asas de galinha cobrindo suas crias das ameaças, para si e para este justaposto, este alienígena. Esta projeção propicia o sentido de proteção diante deste outrem. Este outrem se apropria de objeto de cuidado, ou objeto de ciúmes, ou objeto de posse, ou objeto. Aí como objeto concreto, se enche de matéria, de partículas, de densidade atômica, até que explode, fundindo dois em um só buraco negro. Ou fazendo com que um seja consumido, partícula por partícula, em uma dança, pelo outro.

O amor deve ser desoneração fisiológica. Simples. Em parte. Pelo menos. Simples: por ser dor, prazer, paixão, torrente de sentimentos e fluidos que transfiguram alterações neuroquímicas causadoras de urros e murros. Em parte: pois sua própria compreensão carnal é baseada no experimento que anula qualquer observação crítica – em *cogito*: trepo, tão logo não raciocino. Pelo menos: porque somos mais que meros urradores sexuais e/ou esmurradores sentimentais.

O amor deve ser construto alienante do imaginário social. Quem não pensou nele como em um conto de fadas? Quem nunca pensou na prática do viver feliz para sempre? Quem não se moldou, emperiquitou, perfumou, seguiu a cartilha do ‘Como ter sucesso em seu primeiro encontro’, após jantares, após carícias, após passeios, após hesitações, após querelas românticas? Quem não, pelo menos em pensamento, se cadastrou em sites de ‘relacionamento’ à espera

que um algoritmo salvasse sua vida da solidão? Quem nunca se viu potencial mercadoria de primeiríssima qualidade no mercado dos 'bons partidos' jurando que um dote em breve seria negociado?

O amor deve ser tragédia presumida. Como no anúncio de uma guerra. Como na antagônica agonia possuída por ironias de Shakespeare. Do ódio entre famílias, nascê-lo-ei. Este tal "amor". Presumindo morte, veneno, dor e ingenuidade. Fazendo-se jogo *awywinehousiano*. Jogo de azar, em que se aposta muito, mas só com muita sorte se ganha recompensa. E caso não haja tal recompensa, que se perca algo em nome dele, para que o jogo tenha continuidade. E se perde, perde, perde, perde, repetidamente. Pois se não houver esta consciência altruísta do perder, deixa de ser presumida, deixa de ser drama, deixa de ser tragédia, deixa de ser.

O amor deve ser obra do acaso. Afinal, tantas pessoas. Tantos universos paralelamente infinitos. Tantos experimentos feitos à revelia, sem compromisso, sem causa. Tanta coisa. Tanta linguagem. E no meio de tanto, só uma mais uma, igual a duas pessoas, como dois mais dois dão cinco vezes nove fora tudo. D-u-a-s pessoas, como 'dê', 'ú', 'á' e 'ésse' resultam quatro letras para falar de um par de muitos.

O amor deve ser o equilíbrio. Meio que o limiar, o patamar, o indivisível, o freio do Apocalipse. Deve sustentar invisivelmente o mundo coletivo ao tempo que fornece, desafia e limita a pessoa de cada um em cada um. O humano visceral, demasiadamente humano, instintivo, dentes e polegar opositor, mora no outro lado do espelho de um gênio domado, domável e hiperracionalmente moderno.

O amor deve ser nulo. Não nada, pois o nada pode ser tudo. Mas nulo. Inexiste por ele mesmo. Entremeado de significados é impossível tomar o termo, ou o puro afora o termo, em algo real. Pelo sim, pelo não, na incerteza da realidade de cada um e de tudo o que existe, ele surge como algo, mesmo irreal, que nos caracteriza como estes seres complexos que somos, viemos a ser ou seremos, refazendo constantemente nossa dependência dele. E como um risco constante, naquela incerteza, cabe escolher ou ter coragem de fazer do amor, verbo. Tão constante quanto à arriscada, e que demanda muita coragem e caráter, tarefa de viver.

O amor deve ser a própria coisa. Ah!

Sem resposta, a inanimada rasga suas entranhas e lança algo como um braço a tatear-se em busca de reconhecer-se. Se se sentiu, já se sentiu amada pela surpresa e odiada por não ter deixado se surpreender antes. Se já fora isto, agora já era maiusculamente mais que a si mesma, mesmo que nunca tivesse estado minúscula. Era plural, era animada, pois já era... já sentia. E passado um tempo, quando viu que tinha boca... calou-se satisfeita.

# Das cartas de amor

*Das cartas de amor* – Rondnelly Nunes de Assis

**Biografia do autor:** Rondnelly é mineiro, poeta e estudante de Filosofia desde que se entende por gente (há cinco ou seis anos); escreve, traduz, revisa e organiza, profissional e amadoramente, por paixão.

**Resumo do texto:** Poema escrito em 2016 mediante um contato extático e visceral com Roberto Piva, mesmo estando ele mortinho da silva.

Quando, entusiasmado,  
Me procuras & me tiras  
Do relento, em que  
Ensimesmado anseio  
Pela salvação dos  
Ditos dissilábicos,  
Meus olhos fitam o  
Espaço ao redor &  
Franzem-se  
De dúvidas.  
Anseio também  
Pelo corpo rente &  
Estático frente ao  
Meu. Fitamo-nos  
& os dissílabos  
Viram mono &  
Nada.  
Perpetua-se o silêncio;  
Entretanto  
Funda-se um presente  
Mais Vivo que a vida  
& menos extenso que  
As palavras.

# O Pêndulo

*O Pêndulo* – Andreza Ferreira Silva

**Biografia da autora:** Andreza Ferreira é aluna de Letras Português-Inglês da Universidade Federal do Rio de Janeiro, autora do blog Ela Está Lendo e escritora em tempo integral, porque histórias se formam em sua mente o tempo inteiro.

**Resumo do texto:** Durante dez anos de suas vidas, dois melhores amigos estiveram apaixonados um pelo outro, mas nunca ao mesmo tempo. A narradora, primeira a se apaixonar, conta ao leitor sua história quando percebe que, mais uma vez, é ela que ama sem ser correspondida.

*Sem ele, o mundo é só o mundo. As árvores e as ruas envelhecem num segundo.*

(Só pra mim - Les Misérables)

Há um relógio de pêndulo no sótão de uma casa velha. Tem quase a minha altura. Ele é o único habitante. Antigo, conserva muita poeira depositada nas engrenagens e curvas talhadas em mogno. Contudo o relógio funciona satisfatoriamente. Não atrasa, não adianta. Seu pêndulo mantém o compasso. Oscila regularmente.

Não seja tolo, não descrevo a você um relógio mágico que funciona sozinho. Há quem o visite para dar corda. Duas pessoas. Uma delas, eu tiro a máscara aqui e me exponho, sou eu. A outra foi quem deu a primeira corda.

De um pêndulo adequado a medir o tempo se espera que oscile sessenta vezes em um minuto. Três mil e seiscentas em uma hora. Oitenta e seis mil e quatrocentas em um dia. Trinta e um milhões e quinhentos e trinta e seis mil por ano. Faça você as contas se quiser saber quantas vezes esse pêndulo se moveu em dez. Eu, agora, preciso dar corda para que ele continue a tiquetaquear. Já faz algum tempo que a outra pessoa não surge por aqui.

Dessa vez eu me demorei um pouco mais dando corda. Você não viu errado. Quero me sentar aqui e ver a grande bola dourada ir de um lado a outro. Assisti-la sendo recusada sem muita cortesia por mãos invisíveis de cada lado. “Pode ficar”, alguém parece dizer. “Jogue fora se quiser”, diz outra voz. “Dê a quem precise”. Sabe, penso eu, já está quase escuro e não sei se ele vem. A verdade é que não sei se ele sabe que o pêndulo ainda se move. Tenho vergonha de perguntar. Alguém pode ouvir se eu falar alto demais.

Ele não sabia que dava corda quando o fez pela primeira vez. Foi inadvertido. Como abrir uma porta e esbarrar em alguém que estava parado logo atrás, no mês de fevereiro, num primeiro dia de aula; e fazer uma menina olhar na sua direção.

Perdoe-me pelo barulho, eu não intentava rir agora. O silêncio do sótão é mesmo muito delicado para ser interrompido desse modo. É que não sei como um menino tão mirrado fez o pêndulo começar a se mover. Eu nem mesmo sei se ele penteou os cabelos naquele dia, ou se somente enterrou o boné sobre os cachos antes de sair de casa. Mas, foi naquela manhã de segunda-feira, dez anos atrás, que esse pêndulo diante de mim se moveu pela primeira vez.

E você sabia que Galileu usava sua pulsação cardíaca como cronômetro enquanto estudava o pêndulo? Ele me perguntaria como, “diabos”, eu sei disso. “Garota esquisita”, me diria. Mas ele, o primeiro amigo que tive na vida, não era menos esquisito que eu. Você acha que Galileu acreditava que o coração dele influenciava o movimento do pêndulo? Faria todo o sentido para mim agora.

Não vou culpá-lo por colocar o pêndulo em movimento porque, quando eu o fiz pela primeira vez, eu também não sabia que o fazia. Quando ele voltar aqui, se voltar, pergunte a ele como foi que aconteceu. Será que a percepção dele foi sutil como o abrir de uma porta? Eu não saberia dizer. Eu só posso contar a você como foi que eu percebi que o pêndulo existia e se movia.

A chuva tinha encharcado suas roupas, e ele estava abrigado sob a árvore na calçada da minha antiga casa. Tinha o violão nas costas e me esperava chegar da escola. Ele sorriu quando eu cheguei. Fazia meses que não nos víamos. E eu não vou me esquecer desse dia enquanto eu viver, porque essa memória é algo que eu tenho, e ela, não.

Há quase três anos foi que surgiu na vida dele, esse é o tempo que faz desde a última vez que ele veio aqui. Ela não sabe sobre o pêndulo. Sim, eu sei que ele passava mais tempo sentado sobre o chão empoeirado do sótão do que eu tenho passado. Você não precisa me lembrar. Também sei que para ele foi pior do que tem sido para mim. Se eu olhar para o lado, quase o enxergo aqui. Diante do relógio, a cabeça baixa, e se recordando da mágoa mais recente que lhe causei. Do dia em que ficou preso no trânsito, e eu não o esperei chegar. De quando não fui à sua formatura. Do beijo que eu recusei. Perguntando-se, como eu me pergunto agora, se algum dia nós dois nos sentaríamos lado a lado nesse cômodo para observar o nosso pêndulo. Eu me valia da certeza de que ele estaria aqui para dar corda no relógio quando chegasse a hora. Quando eu o amasse de volta novamente. Ela chegou, e, agora, não há ninguém aqui além de mim.

O abandono teria feito o pêndulo nunca mais oscilar. E o relógio não mostraria mais as horas ou os minutos corretos. Porque o pêndulo não marcaria os segundos corretamente. E as batidas dos corações não bateriam mais sem reciprocidade porque não haveria mais batidas. E nem uma chance para a reciprocidade. Mas eu retornei à casa abandonada e ao sótão mal iluminado e não deixei o pêndulo parar. A culpa, então, é toda minha por ele ainda se mover.

E agora, os meus olhos se erguem para os ponteiros do relógio e o traçar do círculo canta para mim a canção do último filme que vimos juntos. A escuridão ao meu redor, porém não é mais a da sala de cinema. Tão miserável quanto as pessoas daquele musical, eu sei que, ao meu redor, o mundo está girando. O pêndulo continua oscilando. E que eu, eu giro em volta dele nesse amor que não tem fim.



# Verbete em 15 versos sobre o amor

*Verbete em 15 versos sobre o amor* – Isis Ribeiro Berger

**Biografia da autora:** Licenciada e Bacharel em Letras pela UFRJ. Mestre em Letras e Doutora em Linguística.

**Resumo do texto:** O que é o amor? É possível definir ou cabe a nós sentir e dizer em quantas palavras nos couberem, nos comportarem, esse sentir que transborda? Eis meu poema verbete sobre o amor.

Num rompante, de instante e radiante, eis que tudo brota:  
o sorriso, a lágrima, a pressão no peito sufocante,  
o desejo da pele, a paixão beligerante, a ternura...  
Abrem-se os poros; preenchem-se profundos vácuos;  
transborda o sentir, o querer, o doar, o perder...  
Quer sentir toda criatura o que é esse tal de amor?  
Sei que é amor porque dói, é pulsante, é latejante  
e descontrola-se, em alegria caótica, o coração.  
Uma mistura de sensações pueris que mal me cabem!  
Inundam-se os campos secos da alma de gotas de orvalho  
e cintilam e reluzem ao som daquela voz. É tormento.  
Revolvem memórias as dimensões mais atávicas do ser  
que provocam um pulular de lindas cores. É transbordamento.  
De quantas e tantas palavras, em um mar de línguas, eu precisaria  
para esse dizer, para um microscópico átomo verbal do que é o amor...



# Vacina

*Vacina* – Gabriela Fernandes de Carvalho

**Biografia da autora:** Gabriela Fernandes é baiana, formada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia e com mestrado em Teoria Literária pela mesma instituição. Atualmente, estuda Literatura e Outras Artes no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários na Universidade Federal de Minas Gerais.

**Resumo do texto:** Microconto sobre as dores do amor e a procura pela cura.

É preciso inventar a vacina.

É preciso investir na prevenção.

Impedir a proliferação desses amores loucos, perdidos, indóceis. É preciso procurar um método de deter, já que a cura é lenta e dolorosa. Se é que existe.

O amor é vil, sai comendo tudo pela frente: nome, identidade, certidão de idade, perfil nas redes sociais. O amor se apodera dos livros favoritos, dos discos favoritos, dos filmes favoritos. O amor apaga.

As fotos se apagam.

As lembranças se apagam.

Eu, gambiarra de mim. Ainda assim, apagada.

E você? Sujeito indeterminado.

Eu, atônita, querendo gritar ao mundo:

— NÃO VÁ POR AÍ!

— NÃO dobre a esquina!

— não vire à direita!

— não.

O grito mudo, como naqueles sonhos em que você quer acordar e não consegue; você vê alguém que não te ouve. As pessoas passam e não te ajudam. Ninguém te vê.

Mas o amor bate na porta, o amor pula o muro. Antes, telúrico. Agora, vil.

Você, diante de um espelho, reflete apenas sobras. Você cacos, você ecos, você ruínas.

Peças de um quebra-cabeça que nunca ficará completo. Saberás viver com a parte que falta? Ainda existe escolha? É possível mudar o caminho? Qual pedaço do corpo se perdeu na batalha?

Você, manco. Eu, manco. Na procura desesperada por algo que ajude a seguir.

Cefaleiatonturaenjoosuorconstipaçãoofaltadeaar.

A peça não encontrada consome mais pela ausência ou pela presença? A parte ausente assinala o vazio, e os vazios são infinitos. A presença que falta se nutre dos dias. Insone, febril, você tenta esquecer que uma parte falta e se encolhe debaixo de qualquer cobertor.

Antibióticos, antitérmicos, ansiolíticos. Tudo seria evitado se existisse a vacina.

É preciso inventar a vacina.

É preciso prevenir o amor.

# Chega

*Chega* – Airton Santos de Souza Junior

**Biografia do autor:** Atualmente é Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagem e identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC), bolsista Capes, possui graduação em Letras Português e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal do Acre. Foi durante três anos bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq, com foco na área de Linguística-Dialetologia, também bolsista (Voluntário) do Programa de Educação Tutorial em Letras (PET-Letras) pela Universidade Federal do Acre, com foco na área de Literatura, e por ainda, bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID/UFAC) durante um ano e três meses (2014/2015) trabalhando com oficinas em torno do texto dissertativo-argumentativo, junto à alunos do terceiro ano do ensino médio da Escola Estadual Lourival Pinho no município de Rio Branco- AC. Possui experiência na área de Letras, com interesse nos campos da Dialetologia, Sociolinguística, e estudos Literários.

**Resumo do texto:** Este singelo poema parte de um aglomerado de desentendimentos, que, por sua vez, rompem com toda beleza do Amor; contudo ao longo do texto o eu poético vai percebendo que esses vários fragmentos que vão restando do conflito amoroso são capazes de constituir algo inteiro novamente se somados. Desse modo, soma-se todos os fragmentos consequentes do conflito amoroso, e constrói-se algo inteiro novamente, tal qual o Amor deve ser.

Chega de palavras desprovidas de amor  
Chega de cessantemente buscar por teu carinho  
Chega de mendigar um “amorzinho”  
Chega de abraços destituídos de calor  
Chega de momentos dispersados  
Chega de direcionar-se por sofismas  
Chega de ver a vida sem a ótica de um prisma.  
Chega de causos isolados  
Melhor ser-nos-á juntar todos os pedaços  
E deles tirar algo homogêneo  
Não para vangloriarmo-nos, como por obra de um gênio,  
Mas para que nossa relação novamente vire laço.



# Carnaval



*Carnaval* – Kathellen Timoteo Matos

**Biografia da autora:** Kathellen Matos, nascida em Minas Gerais, é aluna do curso de Design da Universidade Federal do Espírito Santo. Amante de artes em geral, tem como hobby a escrita criativa, inspirando-se em autores de língua portuguesa, como Álvares de Azevedo e, especialmente, Cecília Meireles.

**Resumo do texto:** Numa manhã de quarta-feira de cinzas, Angela relembra os acontecimentos do dia anterior, que tomaram um rumo diferente após ela resolver descer do seu apartamento para ir até uma praça.

As águas da baía estavam calmas atrás do ponto de ônibus onde Angela se encontrava e, como sempre, ventava o bastante para que, naquele horário, ela quase não sentisse o sol. Ela se permitiu ficar sentada, mesmo já sendo nove da manhã e sabendo que deveria voltar para casa para limpar a cozinha, a sala, o quarto e o banheiro antes de fazer o almoço, e se arrumar para ir ao trabalho, em que ela deveria estar dali a quatro horas. Pensando bem, também seria bom se limpasse a varanda, pois o vento tropical trazia um pó preto direto de uma famosa mineradora, que permanecia imponente todos os dias, soltando sua fumaça pelos céus da cidade e fazendo com que ela se misturasse às nuvens. Apesar de tudo isso, Angela se permitiu ficar ali para pensar uma última vez — ou penúltima, ou ainda primeira de muitas outras — em tudo o que tinha acontecido nas horas anteriores.

Era uma quarta-feira e, no dia anterior, Angela havia acordado no mesmo horário em que costumava acordar quando não tinha que trabalhar. Em dias como esse, ela acordaria e logo tomaria café, para começar a arrumar a casa em um ritual religioso. Porém, nesse dia, Angela resolveu descer as escadas e ir para a praça. As ruas do Centro estavam animadas, como já era de se esperar nessa época do ano. Ela se sentou num banco de concreto e ficou ouvindo a música já distante do bloco de carnaval que havia passado ali por perto há alguns minutos enquanto brincava com uma folha seca que havia caído ao seu lado. De repente, ela reparou que outra música surgia na direção contrária e em uma distância mais próxima.

De repente, ela reparou que outra música surgia na direção contrária e em uma distância mais próxima. Ao se virar para olhar em direção ao som — após bater os olhos em algumas árvores, um carrinho de pipoca, algumas pessoas fantasiadas e em um senhor que dormia em um dos bancos da praça —, Angela descobriu que a música vinha de um rapaz que tocava violão a três bancos de distância de onde ela estava. Ele percebeu o olhar curioso de Angela e perguntou se ela queria se juntar a ele.

Ela encarou o seu relógio de pulso por alguns segundos e constatou que eram onze e meia da manhã, então a restava apenas algum tempo antes de voltar para casa e terminar o almoço pré-preparado na noite passada. Angela costumava ser muito correta com seus horários, porém um dos seus passatempos preferidos era cantar, isso a fazia se sentir relaxada e a distraía das preocupações rotineiras. Além de a lembrar de sua avó materna que, curiosamente, tinha o costume de cantar em bares quando ainda era viva. Dessa forma, ela se levantou, foi em direção ao rapaz, sentou-se ao seu lado e eles cantaram por alguns minutos, antes de dizer qualquer coisa.

Ao término do primeiro samba, Angela descobriu que o nome do rapaz era Rafael e que, na verdade, ele era do Rio de Janeiro. Ela não se surpreendeu, pois já havia notado, pelo sotaque, que Rafael não conseguia esconder nem mesmo ao cantar. Entretanto, ao saber que ele estava ali só de passagem durante o feriado, ela estranhou. Afinal, pensou ela, quem deixa o Rio de Janeiro para vir para essa cidadezinha nessa época do ano? Mas qual seria mesmo a grande diferença entre o carnaval das duas cidades? Provavelmente, o fato de um chamar atenção nacional, ter mais pessoas para encher a cidade, e ter blocos famosos em um centro repleto de prédios marcados pelo passado imperial. Já o centro onde ela morava, pelo contrário, tinha prédios menores e ruas mais espontâneas, devido ao não planejamento de sua malha urbana.

Além de, é claro, ser repleto de morros evidentes ao redor, os quais as pessoas habitavam e onde tentavam seguir com suas vidas apesar da crueldade da existência. Angela afastou seus questionamentos e apenas contou que veio do interior do estado, mas que já morava ali no Centro da capital havia muitos anos e não conhecia o Rio de Janeiro, a não ser pelas fotos e livros de história.

Eles tocaram mais duas canções e ela se desculpou, pois precisava ir para casa terminar o almoço. Rafael disse estar tudo bem e que, provavelmente, almoçaria em algum restaurante nas proximidades, já que ele estava na casa de sua prima que morava em algum lugar mais ou menos perto da Terceira Ponte, já em Vila Velha, então demoraria um pouco para que ele chegasse até lá. Ele comentou que a tal ponte o lembrava a Rio-Niterói, por ligar uma cidade a outra, mas que, apesar disso, ela era bem menor e não tinha os navios em volta. Angela disse gostar da forma sinuosa da ponte e de como, ao longo dela — do lado direito, no sentido Vila Velha —, ia se revelando que o pontinho branco em cima de um morro era, na verdade, o cartão postal mais famoso do estado: um convento que é marco da arquitetura colonial brasileira. Concordando que a ponte era uma de suas partes preferidas da cidade, ela decidiu então convidá-lo para o almoço.

Angela morava apenas com seu gato Frederico, pois deixou sua família no interior quando veio estudar na capital e nunca mais voltou. Seu apartamento era pequeno, antigo, sem elevador e a escada que dava acesso até ele era estreita. Ficava numa ruazinha perto da Rua Sete de Setembro. Angela imaginou que Rafael estava se perguntando se ela costumava beber e, caso a resposta fosse sim, se ela não caía da escada com frequência ao voltar para casa.

Durante o almoço, Angela descobriu o motivo pelo qual Rafael deixou o Rio de Janeiro em pleno carnaval para ir até o Espírito Santo. Ele vivia sozinho com sua mãe, pois seus pais eram divorciados desde que ele era criança e ele não costumava ver o pai com frequência. Mesmo admirando muito sua mãe, eles discutiam bastante por causa das mais variadas besteiras e isso, geralmente, fazia com que ele resolvesse dar um tempo fora de casa. Rafael admitiu que, às vezes, não tinha maturidade o suficiente para lidar com os conflitos da vida. Angela compreendeu e compartilhou que preferia continuar a viver sozinha, pois tinha uma convivência muito conturbada com sua família, que era muito controladora.

Ela era uma pessoa sistemática, preocupada com horários, que checava três vezes se trancou a porta antes de sair e que, acima de tudo, não se abria fácil. Apesar disso, ela apreciava as coisas simples da vida, como se sentir emocionada com a paixão das pessoas pelas escolas de samba ou times de futebol, mesmo que ela própria não conseguisse se conectar a nada disso. Porém, naquele dia, alguma coisa diferente aconteceu. Era como se, por algumas horas, ela tivesse se permitido, despreocupadamente, aproveitar cada minuto sem checar o relógio, sem precisar pensar muito ao falar. Era como se, de repente, viver e se relacionar tivesse se tornado uma coreografia que ela já sabia tão bem que nem precisava ter medo de dar o próximo passo. Ela se conectou com o presente e podia ver nos olhos de Rafael que ele estava se sentindo tão leve quanto ela com aquela afinidade e familiaridade construída em algumas horas.

É claro que os dois resolveram passar mais tempo conversando sobre como a mãe de um era extremamente liberal, mas, ao mesmo tempo, vingativa e manipuladora, e sobre como

o pai do outro era conservador e exigia saber de todos os passos que foram dados pela filha durante o dia. Além disso, é certo que os dois cantaram mais sambas e compartilharam prazeres musicais um com o outro. E até arriscaram uma dança na varandinha apertada da casa dela, mesmo que Rafael tivesse pisado sete vezes no pé de Angela — ela contou. E no fim das contas, pararam para olhar a vista que dava para outro prédio sujo e para fios de luz caóticos que eram aparentes por todo o centro da cidade. Tentaram, não se sabe ao certo por quanto tempo, contar os fios e pensar em maneiras de reorganizá-los.

Uma das vantagens de viver perto da Rua Sete é que você não precisa andar muito para chegar a vários bares bem agradáveis: ela é conhecida pela sua vida noturna e boêmia. Lá eles compartilharam algumas cervejas, acompanhados de alguns amigos de Angela. Sentados à mesa, três dos seus amigos estavam fantasiados e com purpurina em seus rostos, assim como algumas outras pessoas no bar que molhavam pedacinhos de frango frito em um molho esverdeado e conversavam alto para se ouvir falar em meio ao pandeiro e as vozes que cantavam. Entre copos de cerveja com leve gosto de milho, Rafael descobriu como Angela sempre acabava discutindo com o professor de Sociologia Geral, e também com o de Psicologia, e com alguns outros, porque, segundo a própria Angela, ela não leva desaforo para casa.

Ao caminhar pelas ruas apertadas do Centro, eles conversaram sobre como nenhum dos dois jamais havia ouvido falar de Impressionismo na literatura e se questionaram como poderia ser. Será que, ao escrever um texto sem pontuação no qual não sabemos onde termina e onde começa outra frase ou oração até terminamos de ler e enxergarmos o texto como um todo, estaríamos escrevendo de uma forma impressionista? Mas é claro que isso não seria suficiente e que se precisaria de algum jogo de palavras, alguma mistura do concreto com o abstrato, para dar a impressão de que todas as coisas estão sendo vistas e contadas de uma perspectiva única, que só poderia ser alcançada e expressa com os mesmos sentimentos ali naquele instante e nunca mais. Ao ter uma epifania, os dois idealizaram uma vanguarda artística e chegaram à conclusão de que agora só precisavam de artistas para colocar toda aquela ideia genial em prática. Ambos também concordaram que falar da impossibilidade da vanguarda na arte pós-moderna era pura ladainha de Bauman, apesar de, no fundo, eles acreditarem que toda aquela história até fazia algum sentido.

Como se nada mais importasse, deixaram que começasse a ficar muito tarde para Rafael pegar o ônibus. Mas, sem que nada precisasse ser dito, os dois voltaram juntos ao apartamento de Angela, caminhando a passos calmos, entre os prédios e fachadas nostálgicas e postes de luz branca.

Talvez eles tenham percebido que o lençol e o travesseiro foram colocados inutilmente no sofá da sala no momento em que ela pousou a mão sobre a dele e seus olhos se encontraram, de forma que, como se estivessem procurando alguma coisa, aproximaram seus rostos um do outro e encostaram os lábios. Ou talvez tenha sido quando Angela sentiu os dedos de Rafael brincando em suas costas, trazendo-lhe arrepios que roubavam sorrisos. Ou talvez tenha sido só quando eles estavam deitados e entrelaçados, ouvindo apenas suas respirações e os estalos que suas bocas faziam ao beijar o corpo um do outro, como se fossem a melodia principal que era acompanhada pelo suave batuque que soava distante ao entrar pela janela.

O lençol e o travesseiro no sofá descansaram por toda a noite, enquanto Angela e Rafael adormeceram em um abraço, na cama.

O dia seguinte já era uma quarta-feira de cinzas e o ano finalmente começaria em algumas horas. Ao meio dia, para ser mais exato. Rafael e Angela sorriram um para o outro ao acordar, se levantaram, comeram pão com manteiga e beberam café — o de Angela mais amargo do que o de Rafael — e foram para o ponto de ônibus para que ele pudesse voltar para a casa de sua prima. Rafael contou que voltaria para o Rio naquela noite, mas que havia gostado muito de conhecê-la e que, deixando um papel com seu número de celular nas mãos de Angela, gostaria que mantivessem contato. Ela sorriu, assentiu com a cabeça e disse sentir o mesmo.

Permaneceram em silêncio até que o ônibus se aproximou e, com um abraço, disseram adeus.

Há dez minutos, Angela estava sentada no mesmo ponto, sentindo o vento da baía, pensando em como tudo isso pareceu um filme. Alguns navios deixavam o porto atrás dela, navegando em direção a algum lugar, para deixar alguma mercadoria. Havia aqueles para quem o carnaval continuaria até o fim do dia, e, para os mais entusiastas, ele duraria até o fim do mês, quando o último bloco acabasse.

Ela se levantou e seguiu seu caminho satisfeita quando se deu conta de que, mesmo que eles nunca mais se vissem ou se falassem, quem poderia dizer que isso não foi amor?

